

A Gramaticalização de *Até Que*

The Grammaticalization of *Até Que*

*Gabriela da Silva Pires*¹
*Ana Paula Antunes Rocha*²

RESUMO: Este trabalho se insere nas pesquisas sobre gramaticalização e, a partir de dados com corpus do português do Brasil, objetiva trazer considerações sobre alguns dos diversos usos argumentativos desempenhados pelo item *até que*, em gramaticalização. Em termos gerais, esse é um processo natural entre as línguas, no qual termos lexicais ou menos gramaticais tornam-se (mais) gramaticais, desempenhando funções mais gramaticais (HOPPER, 1991; HEINE *et. al*, 1991; dentre outros). Até o momento, nossos dados sinalizam que *até que* apresenta cinco acepções de sentido, em relação polissêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Gramaticalização; Polissemia; Mudança Semântica; Perífrase *até que*; Semântica Argumentativa.

¹ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (2008). Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde atualmente cursa o doutorado. Atualmente, é professora temporária da Universidade Federal de Viçosa (2010-2011) e professora da Escola de Estudos Superiores de Viçosa.

² Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997) e mestrado em Letras pela mesma instituição (2001). É doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2006). Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto. Faz parte da diretoria científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, sendo responsável pela região de Minas Gerais.

1. Introdução

Este trabalho busca fazer considerações acerca de alguns dos diversos usos do item³ *até que*, a partir de dados do português do Brasil. Curiosamente, esse item desempenha um papel argumentativo semelhante ao *até*, reconhecidamente um operador argumentativo, e é encontrado em instâncias como: “Daniel Dantas não fala. *Para quem não fala, até que ele falou muito*” (VEJA: 17/05/06). Apresenta, contudo, propriedades específicas – as quais serão discutidas ao longo do trabalho. A observação do comportamento argumentativo de *até que* nas ocorrências analisadas aponta haver sensível mudança de sentido dessa partícula, uma vez que ela passa a desempenhar funções pertinentes ao texto e não mais como referência de espaço físico e de tempo (como a preposição *até* ou a perífrase conjuncional temporal *até que*). Assim, essa leitura conduz a uma análise de *até que* sob a ótica das recentes teorias acerca da gramaticalização.

A relevância deste estudo se justifica, assim, pelo fato de ainda não se ter conhecimento de estudos voltados especificamente para a investigação dessa perífrase enquanto legítima marcadora de argumentatividade. Outro ponto é o fato de a pesquisa poder dar subsídios para investigações futuras ainda mais consistentes.

Os objetivos desta pesquisa são, pois: (i) verificar o processo de gramaticalização do item *até que*; (ii) elencar alguns dos usos de *até que* encontrados no *corpus*; (iii) dados os diversos usos de *até que*, investigar possíveis relações polissêmicas entre eles, bem como a existência de um sentido

³ Item refere-se em geral a um só termo. No entanto, será aqui utilizado para se referir a *até que* em função do fato de esta aparente perífrase guardar em si um sentido constituído pelo todo.

básico compartilhado por todos esses usos; e (iv) pontuar as diferenças de uso entre o item *até que* e o operador argumentativo *até* em alguns contextos.

O *corpus* de pesquisa conta com os dados de fala do VALPB (Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba), cedido pelo professor Dermeval da Hora, bem como com dados extraídos da Revista Veja em sua versão eletrônica. A opção por *corpora* de diferentes fontes atende tão somente à intenção de propor uma maior abrangência de registros, não havendo a preocupação em se fazer uma análise comparativa. A pertinência em se analisar dados empíricos deve-se à nossa preocupação em contribuir para o entendimento do Português do Brasil enquanto língua viva, desprovido-nos de quaisquer preconceitos linguísticos.

Uma análise mais acurada dos dados permitiu levantar diversas acepções de sentido para *até que* e especificidades de uso, a depender do contexto linguístico presente. Dentre alguns desses usos argumentativos, pode-se dizer que o *até que* atua no escopo do enunciado, ajuda a evidenciar situações de pressuposto, marca a inclusão de termo não previsto e pontua certa gradação/ênfase do peso argumentativo do enunciado. Entretanto, tem-se que esses diversos usos podem ser analisados como que guardando um sentido comum que os perpassa, a saber: o *até que* pontua uma ideia de destaque, ou *culminância*⁴ do argumento apresentado.

⁴ O termo *culminância* não foi encontrado na literatura acerca de Semântica Argumentativa. É aqui utilizado para expressar que *até que* eleva o teor argumentativo do enunciado que introduz a uma alta posição na escala argumentativa. A ideia se assemelha à de auge (ápice) da proposição em relação ao contexto em que se insere.

2. Um breve aporte teórico acerca da Semântica Argumentativa

Tendo em vista que um dos objetivos deste trabalho é apontar usos argumentativos do item *até que*, torna-se relevante trazer uma explanação, ainda que de forma sucinta, de alguns dos conceitos básicos da Semântica Argumentativa.

A perspectiva de abordagem funcionalista, além de não considerar uma autonomia plena da língua e da sintaxe, prevê a participação dos falantes na dinâmica de criatividade, manutenção e mudanças linguísticas. Além disso, afirma também que a razão de ser da língua está em seu papel de ação de uns indivíduos sobre outros. Baseado nesses princípios, Ducrot (1977, p. 9) afirma que “considerar a comunicação como função linguística fundamental é admitir que a fala, por vocação natural, é fala para outrem, e que a própria língua não se realiza senão quando fornece um lugar de encontro para os indivíduos”. Insta, assim, os estudos da Semântica Argumentativa como uma área em Linguística que se dedica à compreensão dos enunciados proferidos como dotados de intenções e poder de orientar a interpretação que se deseja no outro.

Dentre os referidos estudos de Semântica Argumentativa, conceitos como pressupostos, subentendidos, operadores argumentativos, classe e escala argumentativa são recorrentes. Tem-se, a seguir, uma breve explanação de tais conceitos.

Pressuposto e subentendido - Uma das primeiras considerações de pressuposição é dada por Ducrot (1977). O autor postula que “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe [...], mas situar o diálogo na hipótese de que já soubesse” (DUCROT, 1977, p. 77). Expandindo esse conceito dado por Ducrot e ampliando outro conceito também trazido por ele, Koch (2006, p. 62) resume a diferença entre pressuposto e subentendido, ao dizer

que o pressuposto traz pistas linguísticas explícitas no enunciado (frase) enquanto que o subentendido não aparece marcado na frase; está mais implícito e depende de processos interpretativos mais sofisticados e de habilidade de inferência.

Operadores argumentativos - Os operadores argumentativos são elementos do enunciado que se encarregam de conduzir o que se diz a uma determinada conclusão, nem sempre explícita. Tradicionalmente, classificados nas gramáticas como conjunções, advérbios, preposições, essas palavras, se consideradas em sua atuação pragmática, orientam, influenciam, operam, argumentam – a favor ou contra alguma proposição. Ducrot (1977, p. 139) postula que certos morfemas ou expressões “não podem ser descritos senão em relação à orientação pragmática do discurso”.

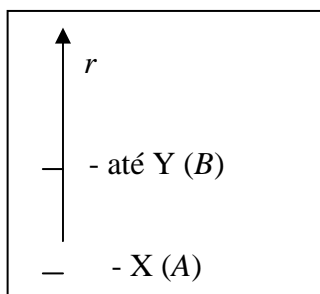
Classe argumentativa - Elementos pertencem à mesma classe argumentativa quando exercem uma função tal que conduz a um mesmo tipo de conclusão. Guimarães (2002, p. 27) menciona haver certa regularidade de sentido entre os operadores de igual classe argumentativa. Para ele, “uma *classe argumentativa* é constituída pelos enunciados cujos conteúdos, regularmente, se apresentam como argumentando para uma conclusão que define a classe argumentativa”. De forma mais didática, Koch (2001, p. 31-37) apresenta e exemplifica vários tipos de operadores argumentativos, dentre os quais, alguns são mencionados neste trabalho. Há operadores que marcam o argumento mais forte de uma escala orientada, dando sentido de certa conclusão, como *até*, *até mesmo*, *inclusive*. Há operadores que introduzem conteúdos pressupostos, como *ainda*, *agora*, *já*. Há operadores, como *mas*, *porém*, *embora*, que contrapõem argumentos que são orientados para conclusões contrárias.

Escala argumentativa - Como o próprio nome sugere, a escala argumentativa é uma medida abstrata da força argumentativa

que os segmentos dos enunciados exercem para atingir determinada conclusão no enunciado. O argumento de maior proeminência ocupará posição mais alta na escala e, assim, concorrerá mais fortemente para alcançar a conclusão desejada.

Assim, mesmo inseridos numa mesma classe, certos operadores podem competir entre si para trazer o argumento mais proeminente para alcançar determinada conclusão.

Discutindo essa proposição, Guimarães (2002) traz dois exemplos com os operadores *até* e *até mesmo*. Segundo o autor, para uma sequência X até Y ⁵ é dada uma escala argumentativa entre dois segmentos A e B , em que B é um argumento mais forte que A para atingir a conclusão r , como consta na seguinte escala:



3. Postulações sobre a gramaticalização

Muitas pesquisas funcionalistas têm se apoiado nos respaldos da teoria sobre gramaticalização, na tentativa de explicar fenômenos de mudança linguística que envolvem certas especificidades. Basicamente, considera-se que um termo está

⁵ Um exemplo para esta equação seria: “O vice-diretor e *até* o presidente da empresa foram presos por corrupção”, em que “O vice-diretor” está para X e “o presidente da empresa” está para Y.

em processo de gramaticalização ou já gramaticalizado quando passa a desempenhar funções mais gramaticais na sentença. O item perde, assim, autonomia lexical, alguns traços semânticos e passa a sofrer certas restrições sintáticas. Um ponto mencionado por alguns estudiosos é a unidirecionalidade da gramaticalização, em que o desenvolvimento dos itens segue um padrão do mais concreto/mais humano para o mais abstrato. Bibee *et. al.* (1994) discutem a unidirecionalidade como um fator de “passos” previsíveis de desenvolvimento – trata-se da trajetória da gramaticalização. Esses passos são os que mostram, por exemplo, que o futuro (em inglês) provém de uma cadeia de construções de movimento, marcadores de obrigação ou de desejo. Essa cadeia é considerada mais próxima da experiência humana e, portanto, mais concreta. Tal fato corrobora a hipótese de unidirecionalidade, em que é postulado haver uma direção semântica na mudança.

Outro ponto em debate é que para haver gramaticalização há igual necessidade de que um item migre de categoria e passe a desempenhar novas funções, as quais podem ser diferentes do item de origem sob o prisma sintático, semântico ou pragmático-discursivo. É, dessa forma, que se diz que a mudança linguística precede a gramaticalização, mas que nem toda mudança desembocará numa gramaticalização.

Recentemente, têm surgido muitas propostas de base cognitivista para abordar o fenômeno da gramaticalização. Assim, trabalhos como os de Eve Sweetser (1990) são reconhecidamente valiosos para explicar, em termos de operações conceituais e cognitivas (em especial em se tratando da relação entre experiência física e sua aplicação abstratizada no discurso), como os processos metafóricos concorrem para dar conta da mudança semântica e categorial que engendra a gramaticalização de itens na língua.

Sweetser (1990) traz uma contribuição notável aos estudos de gramaticalização quando, em um artigo, esclarece a característica de desbotamento semântico (*semantic bleaching*) inerente tanto à mudança semântica quanto à gramaticalização. Além disso, a autora apresenta as regularidades desse fenômeno usando, dentre seus exemplos, o verbo GO (ir) marcando futuridade, algumas posposições (temporais, causais etc) e verbos modais. Há uma convergência quanto à explicação do desbotamento entre esses itens, em que Sweetser (1990) demonstra ser o mapeamento topológico das estruturas imagéticas-esquemáticas, provenientes da experiência física (mais concreta), o que subsidia as projeções metafóricas para expressar os significados e relações gramaticais (ou seja, mais abstratas) dos referidos itens.

Um conceito que circunda os trabalhos em gramaticalização, e utilizado por Votre (1996), é o de “deslizamento metafórico”, amplamente mencionado pelos teóricos dessa perspectiva como *bleaching* (que significa desbotamento). Dessa forma, novos significados são agregados a um termo original, porém, alguns traços de seu sentido original se mantêm; daí haver desbotamento e não perda total do significado original. É preciso enfatizar que os sentidos originais do item gramaticalizado não são facilmente depreendidos pelos falantes em geral, soando como usos independentes da forma original. De uma maneira geral, tem-se apontado um “deslizamento metafórico” – utilizando o termo de Votre (1996) – como motivador de vários casos de gramaticalização. O autor, embasando-se nos estudos clássicos acerca da gramaticalização, já mencionados, mas principalmente na proposta de Traugott & Heine (em artigo intitulado *Approaches to grammaticalization*, de 1991), pontua que as formas originais tendem a partir de uma noção de espaço, mais básica, podendo ou não passar por uma noção de tempo (para a qual já é feita certa transferência

metafórica, tendo em vista que para se conceptualizar a noção de tempo são, muitas vezes, tomados pontos de referências espaciais) e chegando, num grau mais avançado de gramaticalização, a operar na categoria textual, a qual já é mais abstrata. Recorrentemente, há a menção ao seguinte esquema:

espaço > (tempo) > texto

Além disso, o deslizamento metafórico remete a outro conceito caro aos teóricos sobre gramaticalização: a motivação icônica da língua. Nesses termos, há algo de simbólico na língua que se mantém atestando que certos usos sofrem influência icônica/simbólica e contrariando a ideia de arbitrariedade dos signos. Pensando em *até (que)*, pode-se cogitar que está inscrita na palavra sua indicação de alcance, a qual se transfere metaforicamente e permanece no uso argumentativo de *até que*.

A atenção ao caso de gramaticalização particular de *até que* torna perceptível o fato de que se trata de um caso de passagem de um item já gramatical (preposição) para um ainda mais gramatical operador argumentativo (cf. Heine et. al., 1991). A nova função desempenhada pode ser medida por um afastamento da concretude do campo físico, passando à esfera textual-discursiva, a qual é mais abstratizada, visto tratar-se do campo das ideias. Explicando melhor, tem-se que *até*, enquanto preposição, relaciona termos do campo físico – espacial ou temporalmente falando. Já a chamada locução (ou perífrase) conjuncional temporal *até que* relaciona termos oracionais, ainda que continue mantendo relação com elementos do campo físico, nesse caso, relações temporais. Ao ser utilizado para enfatizar a argumentação, o *até que* dá indícios de um novo estágio de gramaticalização, pois para de relacionar diretamente elementos do campo físico, como as relações de espaço e tempo, e passa a relacionar tão somente as ideias. Nesse ínterim, o item está ainda

mais gramaticalizado, pois se considera que há mais abstração em relacionar argumentos discursivo-textuais do que relações tidas como mais concretas, como as de espaço, ou mesmo as não tão concretas, como as de tempo, mas que ainda se vinculam ao campo físico.

Baião e Arruda (1996) propuseram, em seu artigo sob o viés funcionalista, a análise da gramaticalização de *até* em termos de mudança entre espaço > tempo > texto. Operando argumentativamente (no texto), *até* assume um valor inclusivo e de contra-expectativa, como neste exemplo trazido pelas autoras, que se assemelha em parte com o uso de *até que*:

[...] é hoje em dia as/eu tô achando... o casamento assim... quer dizê/ como muitas pessoas que estão se casando (...) então... pra mim casamento praticamente é uma rotina já... né? pelo tempo que peguei de casada... tô quase chegando a boda de prata... então... pra mim não foi tão ruim assim... pra mim aguenta até hoje... foi *até* bom, tá (Informante do CA Supletivo) (BAIÃO; ARRUDA, 1996, p. 257) (grifo das autoras).

De forma mais pormenorizada, Silva (2005) se propôs estudar diversos usos de *até*, sob o prisma da gramaticalização, numa abordagem também funcional, apresentando uma gama de usos, desde espacial até marcador de pressuposição. O item *até que* consta em seu trabalho como uma das ocorrências encontradas para os diversos usos de *até* e não como o foco de estudo. Dessa forma, a investigação que por ora é feita difere-se das demais justamente por se propor analisar em foco o item *até que* como perífrase de forte teor argumentativo.

Será aqui apresentado um modelo que traz cinco princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991) e será aplicado à perífrase *até que*. Não será, pois, feita uma abordagem exaustiva de várias propostas, uma vez que, dentre os estudos sobre gramaticalização, o modelo de Hopper (1991) é o

que mais interessa aqui por fazer abordagens consistentes segundo a perspectiva diacrônica e sincrônica, e também por poder ser aplicado em estágios iniciais de gramaticalização. Objetivamos, assim, buscar evidências mais consistentes que constatem se essa perífrase já está gramaticalizada ou se se encontra em estágio avançado de gramaticalização.

Longhin (2003) sintetiza os cinco princípios de gramaticalização elaborados por Hopper (1991), úteis para análise desse fenômeno em sua fase processual, enfocando seu caráter eminentemente gradual. De forma resumida, temos: o princípio de *estratificação*, que considera a coexistência entre as formas fonte e as formas gramaticalizadas; o princípio de *divergência*, em cuja concepção assume-se que a forma que deu origem ao item gramaticalizado, além de continuar a existir, pode sofrer outras mudanças; a *especialização*, princípio pelo qual há um estreitamento nas nuances semânticas do item em gramaticalização, levando à sua especialização em determinados contextos e não em outros; o princípio da *persistência*, que é a capacidade de se depreender alguns traços de significado da forma fonte na forma gramaticalizada (alvo) que se perpetuaram; e, por fim, o princípio de *descategorização*, que remete à perda de traços categoriais primários que assumem características de itens ditos secundários.

4. Aplicação dos princípios de gramaticalização ao item *até que*

Quanto ao princípio de *estratificação* (layering), considera-se que há a coexistência entre as formas fonte e as formas gramaticalizadas, que pode demorar séculos. A gramaticalização não implica, assim, a substituição de um item por outro. Coexistem, em português, a preposição *até*, o operador argumentativo (típico de inclusão) *até*, a perífrase conjuntiva temporal *até que*, e o operador argumentativo *até que*.

Coexistem, pois, no campo da argumentatividade, tanto *até* como *até que*, apesar de não se estar, com isso, dizendo que a intercambiabilidade entre eles não pudesse trazer mudanças significativas de sentido. Dessa forma, os seguintes enunciados poderiam ser comutados, sem com isso haver substancial mudança de significado, visto que parecem apresentar sentidos sutilmente diferentes:

(1) Fazendo tudo errado, Severino **até que** começa a soprar bons ventos, como se viu na rejeição de outro aumento de impostos. (VEJA: 06/04/05)

(1') Fazendo tudo errado, Severino **até** começa a soprar bons ventos, como se viu na rejeição de outro aumento de impostos.

O segundo princípio é o de *divergência* (divergence). Nessa concepção, assume-se que a forma que deu origem ao item gramaticalizado, além de continuar a existir, está sujeita a novas mudanças. Prova disso é que o *até* – preposição indicativa de espaço e tempo – continua em uso. Nos exemplos seguintes, *até* é utilizado tanto para marcação espacial como para temporal. Enquanto operador argumentativo, já gramaticalizado, o *até* aparece com sentido inclusivo, nos moldes de Baião e Arruda (1996). Vejamos nossos exemplos:

(2) Ao ver Sol na boate, Tião a carregou nos ombros **até** uma limusine, onde o casal fez amor ao som do lancinante falsete de Caetano Veloso, que cantava *Eu Sei que Vou Te Amar* enquanto o carro andava pelas ruas de uma Miami de mentirinha. (VEJA: 25/05/05)

(3) É porque aí eu trabalhava demais na prefeitura, mais botaru eu numa repartição, eu só posso fazer limpeza {inint}, negócio de meia hora de serviço, já tá pronto. Aí, fico lá **até:: até** onze horaø, quando dá onze horaø eu vem embora. Aí, só vô no outro dia. (VALPB- masc. 233)

(4) **Até** já liguei para o Erasmo Carlos e combinei de trabalharmos juntos para o próximo CD. (VEJA: 03/11/04)

Em (2), o sentido é mais básico – de espaço percorrido até a limosine; em (3), há o sentido de tempo percorrido até às onze horas. Já em (4), o sentido é argumentativo de inclusão. Também o *até que* continua atuando enquanto conjunção temporal, como em:

(2) Essa casa eu construí:: com esforço meu mesmo, né?
 Juntanço::, comprando de mói de tijolo, né? E guardando aí,
 né? **Até que**:: chegou o ponto de eu levantar, né? (VALPB-
 masc. 230)

Como marcação de conjunção temporal, nota-se que *até que* sinaliza uma relação de fronteira, de chegada; ou seja, o sujeito relata que juntou materiais até um ponto máximo, em que, a partir daí, começou nova etapa: a construção da casa.

A *especialização* (specialization) diz respeito à possibilidade de redução das nuances semânticas do item. Nesse ínterim, uma das formas concorrentes tenderá a se especializar e prevalecer para determinado tipo de contexto. Quanto a esse aspecto, ainda é precoce dizer que dentre as formas concorrentes de operadores argumentativos – *até* e *até que* – haverá preferência por uma forma, a qual se especializará para desempenhar tal função na língua. Estudos de caráter qualitativo e quantitativo, com amostras representativas dos falantes de português, poderão se habilitar a tentar responder tal questão. No entanto, para marcar escopo de sentença (e não apenas de um sintagma), o *até que* parece se especializar mais que *até*.

Principalmente quando inicia a sentença, o item *até que* incide no escopo dessa sentença como um todo, e não em apenas um dos componentes. Para isso, é preciso lembrar que o escopo é, em termos gerais, o principal foco que o locutor deseja dar a seu enunciado e que pode incidir sobre um único elemento

(sintagma) ou sobre o enunciado como um todo. Veja-se a comparação com *até*:

(2) Quando localizada junto a um semáforo **até a faixa de pedestres** [escopo] é em regra respeitada.

(6') Quando localizada junto a um semáforo **até que a faixa de pedestres é em regra respeitada** [escopo]. O mesmo não ocorre com as desenhadas em lugar onde não há semáforo. (VEJA: 28/01/04) (texto 02- anexo)

Em (6), o escopo parece incidir sobre a faixa de pedestres, atribuindo-lhe um teor de inclusão, enquanto o mesmo não pode ser aplicado a (6'), que engloba toda a sequência iniciada por *até que*.

A *persistência* (persistence) é o quarto princípio mencionado. Como o próprio nome indica, persistência é a capacidade de se depreender alguns traços de significado da forma fonte na forma gramaticalizada (alvo) que se perpetuaram. Esse princípio é reivindicado, na análise de dados, ao se propor que há relações polissêmicas entre os diversos usos de *até que*, e que tal polissemia deve-se ao fato de ainda persistir, nos usos atuais, o sentido básico de chegada ao limite, instaurado pela preposição *até*.

O quinto e último princípio é o de *descategorização* (de-categorization). Esse princípio implica que o item em gramaticalização perde traços morfossintáticos de sua categoria. É consensual que os papéis argumentativos tanto de *até* como de *até que* não se enquadram nem em preposições tampouco em conjunções temporais.

Com base na aplicação dos cinco princípios de Hopper (1991), parece haver forte evidência de que o item *até que* encontra-se em estágio de gramaticalização.

5. Análise dos dados

A partir de uma análise sincrônica, foram encontrados, até o momento, cinco usos argumentativos para o item *até que*. A segmentação desses usos é feita por fins didáticos, pois a presença de um sentido não exclui a existência de outro. Os usos pragmáticos de *até que* se estabelecem nas cinco considerações a seguir: 1) atua no escopo do enunciado; 2) ajuda a evidenciar situações de pressuposto; 3) marca a inclusão de termo/elemento não previsto; 4) pontua certa elevação/ênfase do peso argumentativo do enunciado; e 5) seus usos apresentam um sentido comum: pontuam uma ideia de *culminação* do argumento apresentado, demonstrando haver entre eles uma relação polissêmica.

O fragmento a seguir apresenta o *até que* atuando como marcador de escopo de todo um enunciado:

(3) **Para um país tropical**, onde a maioria dos estados só sabe que é inverno porque a chuva aumenta um tiquinho, **até que os casacos desta temporada são bastante adequados.** Eles, que já vinham se ajustando e acinturando nas últimas temporadas, encurtaram de vez. Em alguns casos, viraram pouco mais do que golas. Tanto que barrigas e braços, em outros tempos exclusividade do verão, continuam flanando por aí. (VEJA: 08/06/05)

De uma forma bastante geral, esse enunciado traz a proposição de que casacos mais curtos e frescos são adequados ao inverno tropical do Brasil. O valor atribuído ao *até que* nesse trecho é marcadamente o de reafirmar essa adequação. Seu sentido poderia ser parafraseado por *realmente* ou *não é que ...?*, sem maiores danos de significado. Além disso, esse item atua como marcador de escopo de todo o enunciado sublinhado.

Concorre para essa acepção um fato sintático significativo: a posição de *até que* antes do sujeito. Assim, se fosse comutado por *até*, *inclusive* ou *mesmo*, por exemplo, o sentido seria basicamente o de inclusão de casacos entre os vestuários adequados ao inverno brasileiro, como em:

(7') **Para um país tropical**, onde a maioria dos estados só sabe que é inverno porque a chuva aumenta um tiquinho, **até os casacos desta temporada são bastante** adequados.

Uma substituição por *até* acarretaria efeito duplo. O escopo deixaria de se direcionar à oração *os casacos desta temporada são bastante adequados* para apenas se referir ao sintagma *os casacos desta temporada*. E, assim, o sentido do *até* estaria mais próximo do de concessão, uma vez que marcaria a inclusão de um elemento num contexto tal em que se pensasse que *casacos* não seria um elemento esperado. Reiterando-se o comentário ora mostrado, apresentamos o fragmento (8):

(4) Meu filho? Ele, :: não. Ele nunca precisou de ficar de castigo não, certo? Meu filho sempre foi uma criança assim, calma, é. Quando ele fazia o jardim, quando ele fazia o jardim, **até que** eu não gostava, porque a professora quando quando eu ia lá, a professora [diz], a professora falava: “mas o seu filho é tão calmo que ele fica lá no cantinho. (VALPB- fem. 305)

Aqui, há o relato de uma mãe afirmando com determinada ênfase o fato de não gostar do comportamento calmo do filho. Assim, a perífrase *até que* engloba e põe em destaque toda a proposição eu não gostaria. Se fosse comutada por *até*, o escopo passaria a ser o sintagma pronominal eu. Logo, o efeito seria semelhante a *inclusive*, como em:

(8') Quando ele fazia o jardim, quando ele fazia o jardim, **até** eu não gostava, porque a professora quando quando eu ia lá, a professora [diz], a professora falava: “mas o seu filho é tão calmo que ele fica lá no cantinho.

Outro uso reconhecido para *até que* é o fato de ajudar a enfatizar situações de pressuposto. Silva (2005), ao analisar diversos usos de *até* na cidade de Goiás – GO, postula que o *até*, em presença da partícula *que*, introduz um conteúdo pressuposto. Assim, conforme expõe o autor, no exemplo (9), a seguir, cria-se a expectativa de que o informante deveria ter medo.

- (5) Doc. No caminho da escola cê tinha medo... num tinha?
 Inf. **Até** que num tinha medo não. Nós sempre ia de três né. Mais aí tinha a turminha que vinha junto até uma certa distância. Aí depois separava. Mais uma vez nós passô medo foi de chuva. (SILVA, 2005, p. 102-3)

Além disso, *até que* é considerado um “atenuador discursivo”. Assim, para Silva (2005):

o até funciona como um forte atenuador discursivo, uma vez que o informante poderia ser categórico e fazer uso da polaridade (positiva ou negativa), dizendo “eu tinha medo sim” ou “eu não tinha medo não”, contudo, as escolhas linguísticas recaíram sobre o *até que* como forma de atenuar o discurso: “*até que* eu não tive medo não” (SILVA, 2005, p. 103).

Nesta investigação, entretanto, tem-se que o contexto sintático é, na verdade, o grande favorecedor da pressuposição, atuando em conjunto com *até que* para torná-la mais evidente. Os contextos sintáticos de negação e as expressões que incluem o argumento em um determinado grupo⁶ (contrário à conclusão exposta), dentro do *corpus* analisado, parecem favorecer o pressuposto. O exemplo seguinte comporta esses dois contextos sintáticos mencionados:

- (2) Estacionada no patamar dos 12 pontos no ibope desde seu início, Cidadão Brasileiro **até que não** faz feio para quem bate de frente com a novela das 8 da Globo. **Mas** os bispos da

⁶ As referidas “expressões de inclusão em grupo” encontradas no *corpus* iniciam-se primordialmente pela expressão *para quem + verbo*.

Record sonhavam em obter bem mais: entre 15 e 20 pontos de média. (VEJA: 07/06/06).

Na própria inserção de *Cidadão Brasileiro* no grupo dos que batem de frente com a novela das oito, está inscrita a expectativa de *fazer feio*, ou seja, não alcançar a audiência desejada. Inscrita, pois, está a pressuposição de que normalmente esse programa não atingiria os 12 pontos de audiência mencionados. E, corroborando tal fato, está a negação. Ora, nega-se algo que alguém já supõe ou supôs como afirmativo. No entanto, a inserção de *até que*, nesses contextos, reforça a marca de pressuposição, por elevar o peso argumentativo do que se está a dizer, chamando atenção para o fato enunciado.

As expressões de inclusão em grupo, da mesma forma que favorecem o pressuposto, também preparam o ambiente para inserção de elemento não previsto naquele contexto. Para introduzir tal elemento não previsto, *até que* atua como um operador argumentativo de substancial força. Dado o próximo exemplo, pode-se depreender que o locutor primeiramente traz uma voz que parece concordar que o esperado é que *Daniel Dantas não falasse muito*:

(3) “Daniel Dantas não fala. *Para quem não fala, até que ele falou muito*. O suficiente para mandar um monte de gente para a força. Em primeiro lugar, Lula e seus ministros.” (VEJA: 17/05/06)

A estratégia parece ser a de apresentar a proposição de um determinado ponto de vista que é incompatível com a conclusão final a que se chega. Assim, a primeira sequência utilizada não é necessariamente a do enunciador, mas uma voz (da expectativa compartilhada por ele e seu interlocutor, por exemplo) trazida propositalmente para que, ao pontuar o

segundo argumento, iniciando-o pelo operador *até que*, sua argumentação ganha peso enfático. A conclusão pode ser: *Daniel surpreendeu muita gente*, ou mesmo *Daniel era falso*.

Por fim, outro uso bastante recorrente – que vem sendo mencionado ao longo deste trabalho – é o papel desempenhado por *até que* em pontuar certa elevação/ênfase do peso argumentativo do segmento. Essa acepção já é pontuada para *até* em muitos estudos, tanto que ele é considerado um operador que se posiciona num alto grau da escala argumentativa. Baião e Arruda (1996, p. 256), por exemplo, postulam que “o elemento *até* assume um valor de **inclusive**, tendo ainda um caráter de realce discursivo” (grifos das autoras).

Nesta investigação, cogitam-se algumas paráfrases para esse uso de *até que*. Além de *inclusive* e *mesmo*, cujos sentidos acabam recaindo sobre a questão da inclusão, têm-se outras paráfrases, como *de fato*, *realmente*. Observe-se o seguinte exemplo:

(4) Celular serve para falar com outras pessoas, certo? Em parte, muito em parte. Entre a turminha mais jovem, o que menos se faz ao celular é falar – principalmente se do outro lado da linha estiverem mamãe ou papai. O negócio deles (elas, fiéis ao estereótipo, **até que** falam bastante) é mandar mensagens e fotos, baixar campainhas e imagens, brincar com os inúmeros joguinhos disponíveis e entrar em salas de bate-papo para fazer novos amigos, tudo teclando furiosamente os minúsculos botões que tanto embaralham os dedos dos mais velhos. (VEJA: 17/12/03)

O *até que* desse exemplo não introduz pressuposto, mesmo porque o que se diz sobre o fato de mulheres falarem bastante ao telefone já é tido como pressuposto e está linguisticamente assinalado pela expressão “fiéis ao estereótipo”. Assim, visto que a informação nova vinculada parece não ser imprevista (muito pelo contrário, aliás), o *até que*

reforça, intensifica e eleva o teor argumentativo para a proposição de que mulheres falam realmente muito. Para corroborar, há mais este fragmento:

(5) E* Você conhece alguém que fala diferente de você?

F* Não. Eu conheço pessoas que têm uma que são mais calma, menos ansiosa do que eu, e que tem uma e que tem assim faz pausa, fala bem explicadozinho. Eu **até que** eu gostaria falar igual. Eu conheço gente que fala nesse sentido melhor do que eu. (VALPB- fem. 330)

Aqui, a narradora expressa sua vontade de falar como outras pessoas, que, segundo ela, falam melhor. A própria repetição do pronome **eu**, juntamente com a presença do operador *até que* entre essas duas instanciações parecem corroborar a necessidade de a narradora em evidenciar sua vontade.

Por fim, pode-se dizer que, nas ocorrências apresentadas, tem sido verificado um sentido polissêmico comum de *culminância* para o argumento. Está relacionado ao sentido básico desempenhado pela preposição *até* (conforme consta no quadro das abordagens gramaticais), que é o de determinar um término, tanto se referindo ao espaço, como ao tempo – o que já é um uso mais abstrato. De maneira ainda mais abstratizada, o uso sequente de *até que* para indicar uma marcação apenas temporal (com função conjuncional), indica haver aí um estágio mais avançado de gramaticalização. Assim, a perífrase *até que*, ao chegar ao uso argumentativo recorrente entre os falantes – que é o de marcar a entrada de um novo argumento, cujo peso é mais decisivo –, traz consigo um sentido básico: a marcação do limite, do auge. É pensando necessariamente na questão de auge do argumento que se propõe aqui ter o *até que* um uso ainda mais enfático na concorrência rumo à conclusão das proposições, se comparado ao *até*, por exemplo. Essa mesma

ideia se remete a uma noção limítrofe, sendo possível, então, cogitar a questão de *até que* corroborar para que seja alcançado um ponto (argumentativo) de chegada desejado.

O que importa aqui é o questionamento sobre a permanência semântica e a possibilidade de se depreender alguma relação em comum entre os usos, ainda que ela não seja transparente. Silva (2005) postula para *até* a noção de delimitação inclusiva. Para o referido autor, “[n]os usos do *até*, a estrutura imagética correspondente à do domínio espacial é o traço de delimitação inclusiva, que ora delimita e inclui espaço, tempo e quantidades e ora delimita e inclui ações, qualidades, fatos, ideias, etc” (SILVA, 2005, p. 110).

Neste trabalho, além de se concordar com esse autor, acrescenta-se que parece haver, em *até que*, um acentuado sentido de elevação do teor argumentativo de uma dada proposição. A ideia inculcada, porém, não é apenas de passagem, como de um ponto a outro (havendo a inclusão, tanto de termos do mundo físico quanto do discursivo). A proposição estabelecida por *até que* parece chegar ao ápice. Nesses termos, *até que* se mostra mais enfático que *até*, uma vez que parece pontuar de maneira mais veemente, nos exemplos encontrados, a ideia aqui chamada de *culminância* do argumento, corroborada provavelmente pelo fato de a partícula *que* pontuar a ideia de fronteira.

6. Considerações finais

Acredita-se ter alcançado o objetivo inicial de legitimar, através de amostras do *corpus*, o uso argumentativo de *até que*, o que ficou evidenciado através dos vastos exemplos apresentados. Além disso, intencionou-se buscar subsídios teóricos que comprovassem o estágio de gramaticalização desse

item, uma vez que se havia percebido uma sensível mudança semântica aparentemente motivada, que estaria fazendo com que operasse também discursivamente (e, portanto, abstratamente) na língua. Também esse segundo propósito foi verificado graças às aplicações dos princípios de teóricos legitimados para tal fim.

A proposta de se levantar alguns usos para *até que* e apontar uma relação polissêmica entre eles também dá indícios de ter sido bem sucedida. O sentido básico depreendido para o *até que* foi o de *culminância*. Corroboram, nesse caso, tanto a motivação metafórica a partir da partícula *até* (marcadora de limite), como o teor fronteiroço da partícula *que* (que marca o fim de um enunciado antes de se seguir ao próximo).

Uma resposta à questão da origem e do uso argumentativo de *até que* requer ainda estudos mais acurados. Porém, considera-se que as instigações promovidas pelas análises aqui contidas possam servir como estímulo a novas pesquisas.

Espera-se, diante dos dados obtidos, que esta investigação possa contribuir para se legitimar formalmente o uso de uma perífrase que já faz parte da fala e da escrita dos falantes brasileiros e que, por sua força argumentativa, corrobora com um princípio inerente à língua: o de atender à necessidade expressiva de seus usuários.

Referências Bibliográficas

BIBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

BAIÃO, R. B.; ARRUDA, J. A gramaticalização de *até*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio

de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ; Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. São Paulo: Cultrix, 1977.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar – evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to grammaticalization**. vol. 1. Amsterdã: John Benjamins, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Approaches to grammaticalization**. vol. 1. LOCAL: John Benjamins, 1991.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LONGHIN, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional ‘só que’**. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2003.

SWEETSER, E. Grammaticalization and semantic bleaching. **Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley, CA, 1990.

SILVA, L. A. da. **Os usos do até na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2005. 187 p.

VOGT, C. **O intervalo semântico**. São Paulo: Ática, 1977.

VOTRE, S. J. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; UFRJ: Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

ABSTRACT: This work is part of the research works concerning grammaticalization, which is a natural process among languages in which lexical terms become (more) grammatical (HOPPER, 1991; HEINE *et al*, 1991; and others). Our aim is to present some uses performed by the expression *até que*, based on linguistic data of the Portuguese spoken in Brazil. At the moment, the data analyzed points out that the periphrasis *até que* has five uses, in a polissemic relation.

KEY WORDS: Grammaticalization, Polissemey, Semantic Change, Periphrasis *até que*, Argumentative Semantics.

Data de recebimento: 31/05/2011

Data de aprovação: 14/06/2011